

CLIPPING | EXPOSIÇÃO MÚLTIPLO LEMINSKI CASA DA AMÉRICA LATINA

Jornal Público, 14 setembro 2021

Público • Terça-feira, 14 de Setembro de 2021 • 31

Guia

leituras

publico.pt/leituras



Obra de Isabela Figueiredo candidata ao Femina
O livro *Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo, editado em França pelas Editions Chandeigne e em Portugal pela Caminho, está na primeira selecção do Prémio Femina Estrangeiro, um dos mais importantes prémios literários franceses.

Paulo Leminski, para além do poeta

Isabel Coutinho

As variadas facetas do escritor de Curitiba, que morreu em 1989, numa exposição na Casa da América Latina, em Lisboa

A exposição *Múltiplo Leminski*, que está na Casa da América Latina, em Lisboa, até 3 de Novembro, mostra-nos a obra poética do escritor brasileiro Paulo Leminski (1944-1989) — que em Portugal está reunida em *Toda Poesia*, publicada em 2020 pela Imprensa Nacional —, mas também as suas canções, a sua prosa (romance, biografias de poetas Cruz e Sousa — *o Negro Branco* e *Matsuô Bashô: a Lágrima de Peixe*, por exemplo, os ensaios...), as suas traduções (de Fante, Ferlinghetti, Beckett, Joyce, Mishima e até de *Satyricon*, de Petrólio, a partir do latim) e o seu fascínio pela cultura oriental (era cinturão negro no judo).

Logo à entrada somos surpreendidos por um recorte gigante do poeta brasileiro abraçado à também poeta brasileira Alice Ruiz, que é a curadora-mor desta exposição, cada um a apontar com o braço para um lado. As filhas de ambos, a compositora Estrela Ruiz Leminski e a jornalista Aúrea Leminski, também estão na curadoria da exposição e esta última, que nos fez guio, diz-nos que se pode iniciar o percurso por qualquer um dos espaços, mas que o seu pai no retrato: "Sempre aponta para se começar pela 'Linha da Vida'."

Essa é uma das secções de *Múltiplo Leminski*, aquela em que através de fotografias, de um mapa astral e de uma cronologia biográfica conhecemos os momentos mais marcantes da vida do escritor de Curitiba, que tinha ascendência polaca por parte do pai e ascendência negra, índia e portuguesa. "Ele foi seminarista dos dois aos 14 anos, interno no Mosteiro de S. Bento, em São Paulo, e isso fez com que ele não só tivesse contacto com diversas línguas, latim, hebraico, italiano, francês, espanhol, como inglês, como também teve acesso a uma biblioteca que era fantástica", conta Aúrea Leminski que lembra que o pai aos 18 anos começa a fazer o esboço do seu primeiro livro: *Catatau*, publicado depois em 1975. Esta obra, que partiu de um conto intitulado *Descartes com lentes* — que ao longo de oito anos foi crescendo —,



Além de vídeos, imagens e som há ainda placares com QR codes para serem lidos pelo telemóvel

é definida pelo autor como "um romance-ideia" e conta-nos a insólita ida do filósofo René Descartes ao Recife durante a ocupação holandesa. Para Maurício Arruda Mendonça este é "um clássico da literatura brasileira recente", "um texto experimental que se filia à grande tradição das novelas satíricas e filosóficas", como escreve na edição brasileira. "*Catatau* é o livro emblemático da vida dele, que ele escreveu muito jovem e para alguns é a obra máxima da genialidade dele", conta Aúrea (na foto). Ele traduziu-a para inglês. "É divertido, mas não é um livro fácil. E o que é interessante é que nas duas meses envidaçadas que existem na exposição, com manuscritos e originais, se podem ver três documentos dactilografados em que ele explica o *Catatau*. Não no sentido de explicar o livro, mas de explicar o que o fez pensar nisso tudo. É quase um livro paralelo onde ele coloca todo o porquê, como se um dia alguém fosse realmente questioná-lo sobre isso." Professor, Paulo Leminski foi também jornalista e cronista, trabalhou anos em agências de publicidade e compôs can-

ções. "Muitas pessoas acham que Caetano musicou um poema de meu pai — na realidade, ele gravou *Verdura* com música e letra do meu pai." Outra das mais conhecidas é *Promessa demais*, gravada por Ney Matogrosso. "Ele não estava um tempo a dedicar-se à poesia, depois à música, depois às traduções: era tudo ao mesmo tempo. Por isso o múltiplo", diz-nos Aúrea, que no dia da nossa visita terminava a instalação dos elementos multimédia da exposição. Uma fotografia em tamanho real reproduz uma das paredes do escritório de Paulo Leminski, "onde ele criava". Está lá a estante com os livros, os prémios que ganhou postumamente e a escrivaninha com a máquina de escrever. "Os quadros também eram aqueles que compunham o ambiente": uma imagem de Descartes; outra de Ezra Pound e um poema de Augusto de Campos. Surpreendente é analisar a secção de dicionários, porque, como explica a filha, ele partia de uma língua para aprender outra e outra e nem sempre do português. "Por exemplo, há um dicionário de russo-árabe. Ficávamos deduzindo se ele estava tentando aprender russo ou árabe ou

o quê [gargalhadas]! Era difícil de entender, porque era um raciocínio longo. Ele às vezes dava umas voltas enormes, mas é porque ele tinha muito interesse por história, cultura e religião. Fazia esse percurso sem pressa para chegar nas coisas."

"Ele tinha ideias o tempo inteiro. Essas ideias ele anotava em qualquer papel que tinha à mão. Era uma coisa obsessiva, isto é só uma amostra. Temos cerca de 20 mil documentos desse tipo."

O único romance que Paulo Leminski escreveu é *Agora É Que São Elias*, de 1984. "É muito interessante, porque o personagem fica entrando e saindo de histórias. O tempo foge do controlo. É uma delícia, é um livro fluído. O que não é uma característica dos livros do meu pai", afirma Aúrea. "Com aquela cara de homem fingindo estar interessado no papo de uma mulher apenas porque está com vontade de comê-la, com aquela cara de mulher costurando e bordando pensamentos apenas porque está a fim de ser comida por ele, cheguei, caprichei, relaxei, lembrei tudo que tinha aprendido em Kant e Hegel, repassei toda a teoria dos quanta, a morfologia dos contos de magia de Propp, o voo do 14-bis, cheguei e não perdoei: — Tem fogo?, é um divertido excerto.

Sugestões

VIKTOR E FRANKL
DIZER
SIM À VIDA
APESAR
DE TUDO

Dizer Sim à Vida Apesar de Tudo
Autoria: Viktor E. Frankl (Tradução de Álvaro Gonçalves;
Editora Pergaminho
120 págs.,
14,40€; Nas livrarias quinta-feira)

Viktor E. Frankl foi o fundador da escola psicoterapêutica chamada "Logoterapia e Análise Existencial", explica a editora sobre este autor de origem judaica, que nasceu em Viena e depois de se ter formado em Medicina se especializou em Neurologia e Psiquiatria. "Em 1942, Viktor Frankl, a mulher, Tilly, o irmão, Walter, e os pais, Gabriel e Elsa, foram presos e deportados para o gueto de Theresienstadt e mais tarde para Auschwitz. Onze meses depois de ser libertado dos campos de concentração, de trabalhos forçados e de extermínio — e de descobrir que a sua mulher, a sua mãe e o seu irmão haviam sido assassinados pelos nazis —, o autor deu uma série de palestras públicas em Viena" que estão neste livro "sobre a necessidade de encontrar a esperança mesmo nos tempos mais duros."

DANTE
Autors:
Alessandro
Barbero
(Trad. de Artur
Guerra e José
Colaço Barreiros;
Ed. Quetzal; 384
págs., 19,90€)

Nas livrarias na quinta-feira
O professor e historiador especializado na Idade Média e em história italiana Alessandro Barbero é o autor de *Uma Vida*, biografia daquele que é o maior dos poetas italianos, cujo 700.º aniversário da morte se assinala hoje. Dante Alighieri, o autor de *Vida Nova* e *Divina Comédia* morreu a 14 de Setembro de 1321, aos 56 anos. Editada pela Quetzal, "aborda o vazio, o silêncio e a incerteza de toda a vida de Dante, mostrando como uma existência tão complexa e atribulada — feita de exílios e vinganças, de solidão e paixões — se reflecte numa obra paradoxal, inovadora e fascinante".

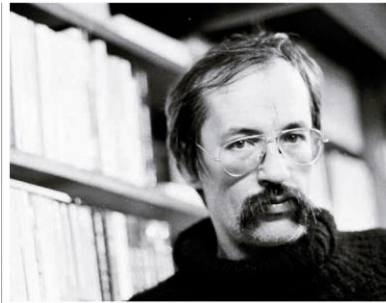


A obra de Paulo Leminski numa mostra da Casa da América Latina

■ Era mais conhecido pela sua poesia experimental, mas foi sempre um homem de vários instrumentos. Teve inúmeras colaborações com a música, como letrista e compositor, escreveu nos jornais, traduziu vários autores, interessou-se pelo género da biografia e no judo chegou a cinturão preto. A intensa e sempre criativa vida e obra de Paulo Leminski, um dos nomes mais importantes da cultura brasileira do século XX, pode ser revisitada na exposição que a Casa da América Latina apresenta, em Lisboa, numa parceria com a embaixada do Brasil e o Instituto Paulo Leminski.

Múltiplo Leminski inaugura-se no próximo dia 10 e fica patente até 3 de novembro. Com curadoria da família, o objetivo da mostra é desmistificar uma figura única, como adianta, ao JL, Aurea Leminski. “Queremos dar a conhecer o lado mais pessoal de um criador multifacetado, convidando o visitante a mergulhar no seu processo criativo”. Mais do que livros, a exposição é constituída por manuscritos e outros documentos pessoais, também vídeos e entrevistas, em que o próprio Paulo Leminski reflete sobre o seu trabalho. “Revelamos as suas motivações, o seu fazer poético e referências, recorrendo a vários elementos visuais”, descreve a filha do escritor.

No Brasil, *Múltiplo Leminski* já teve 700 mil visitantes, em 11 cidades brasileiras. Muito do seu impacto, garante Aurea Leminski, passou justamente por esta proximidade. “Havia na Brasil a imagem de um escritor inatingível, que nunca faz



Paulo Leminski Um mergulho no seu processo criativo

muito sentido. Ele colaborou com imensa gente, fez coisas importantíssimas, mas não havia nada de solene na sua figura e na sua relação com a arte”. Em Portugal, Aurea Leminski espera que a exposição possa aprofundar o conhecimento da sua obra, na sequência do esforço iniciado com a publicação do volume *Toda Poesia* pela Imprensa Nacional, reunião dos seus versos que no Brasil recebeu o Grande Prémio da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 2013.

Nascido em 1944 e falecido em 1989, Paulo Leminski publicou os primeiros livros na década de 70, afirmando logo uma singular

voz poética, que não poucas vezes convenceu outras artes, como a fotografia e a música. A sua poesia é marcada pelos jogos e divertimentos e também pela concisão, fruto de uma enorme admiração pela cultura japonesa, nomeadamente os haikai de Matsuo Bashō, que traduziu.

“Poeta não é só quem faz poesia. É também quem tem sensibilidade para entender e curtir poesia. Mesmo que nunca tenha arriscado um verso. Quem não tem senso de humor, nunca vai entender a piada”, afirmou numa das suas declarações mais citadas. *Múltiplo Leminski* também mostra como levou a poesia para a sua vida. ■

De Maria Judite a Caetano

COMENTÁRIO

José Carlos de Vasconcelos



A capa e o tema desta edição, dedicados a Maria Judite de Carvalho, são uma obrigação e uma devoção — que mais uma vez uma efeméride, o centenário do seu nascimento, nos dá oportunidade de cumprir. Não vou pôr-me aqui a presumir sobre a sua escrita e a sua obra — e ao falar da “sua obra” estou a imaginá-la, discreta e modesta como só ela, a reagir a tal referência, que erradamente consideraria excessiva ou desproporcionada. Mantendo talvez o seu silêncio e esboçando o seu sorriso sempre melancólico ou triste, às vezes com qualquer coisa de enigmático.

Mas, sim, trata-se de uma obra, magnífica e a vários títulos singular, de uma mulher/figura humana também singular. O ensaio de Maria Graciete Besse, os testemunhos e poemas que publicamos, evidenciam quem foi e o que Maria Judite representa na nossa literatura do século XX. Mormente com as suas narrativas em larga medida contrastantes, desde logo no estilo, com as de seu marido, Urbano Tavares Rodrigues (como contrastavam a forma de ser e estar de ambos), que sempre incentivou e apoiou a sua realização como escritora.

Como escritora e jornalista/cronista, num registo e com uma temática dominante muito similar, se não idênticos, à da ficcionista: grande atenção ao quotidiano, às mulheres que sofrem, com péssimas condições de vida, exploradas e humilhadas, silenciosas e solitárias, as imensas mulheres como a Luísa do poema, “Calçada de Carriche”, do António Gedeão.

Por mim, além de a estimar muito, como ao Urbano, achava-a, de facto, uma rara cronista, num país em que, ao contrário do Brasil, os cronistas escasseavam. E por isso, quando criamos, em 1975, *O Jornal*, a convidei — a ser nossa colaboradora — e tive(mos) o gosto dela o ser. E tive o gosto também de, após dez anos sem publicar ficção, editar um livro de contos seu, *Além do Quadro* (1993). Que este centenário sirva para muito mais gente a ler, como merece.

FEIRAS DO LIVRO As Feiras do Livro de Lisboa e do Porto, que decorrem até ao próximo fim de semana, têm tido grande afluência e parece que vendas pelo menos razoáveis. Ainda bem. E muito melhor se isso representar uma tendência que se acentue, após o longo e nefasto período da pandemia — que neste sector inclusive levou ao encerramento das livrarias, por demasiado tempo e a certa altura absolutamente desnecessário.

Estas Feiras são importantes para as editoras e para fomentar a leitura, mesmo não valorizadas por iniciativas que mais para isso contribuam, como por óbvias razões sucede este ano. O JL, bem contra nossa vontade, não pôde dar-lhes a atenção e o espaço que se justificariam, e também por isso se impõe fazer aqui este sublinhado. Esperando que nestes últimos dias a afluência e as vendas ainda aumentem e que as compras de livros cresçam também nas livrarias, que são fundamentais e devem ser apoiadas, algumas constituindo mesmo uma espécie de serviço público...

CAETANO VELOSO E O BRASIL. Esteve mais uma vez a cantar em Portugal, deu vários concertos, com o já habitual êxito, mas porventura despertando ainda maior entusiasmo, sobretudo entre a muita “galera” brasileira que a eles assiste, ou melhor: que neles sempre participa. Como, aliás, aconteceu também, por exemplo, em Bruxelas — como se pode ler na crónica de Patrícia Portela, na última página. Aos 79 anos Caetano, continua a ser o admirável compositor/cantor, a mesma voz, de sempre. E se isto pode constituir, só por si, mais um motivo de admiração, creio que aquele entusiasmo se deve sobretudo ao que ele e tantos outros artistas simbolizam hoje do espírito livre e criador do Brasil e seu povo, da ansia de democracia e decência num país que tem como Presidente o entre o assustador e caricato Jair Bolsonaro.

E isto me lembra o que Caetano conta a certo passo do seu livro *Verdade Tropical*. Estava ele exilado em Londres, durante a ditadura militar, e teve a visita do “rei” Roberto Carlos, que sempre admirou muito. Então, escreve, ficou “comovido” com a visita, porque “sentiu” nele a presença simbólica do Brasil”. Ele, Roberto Carlos, “era o Brasil” profundo e quem verdadeiramente, não os “milicos”, o representava. Assim, agora, e talvez por maioria de razão, Caetano Veloso. ■

Quem tem medo do Motel X?

Mais de 70 filmes fazem o MotelX, Festival de cinema de terror de Lisboa, que decorre até dia 13, no Cinema São Jorge. Entre outras, destaca-se a sessão de encerramento, com a ante-estreia de *The Night House*, de David Bruckner. Na secção Serviço de Quarto, uma seleção muito heterogênea de filmes, também a nível geográfico, como obras como *Sweetie*, *You Won't Believe It*, do cazaque Errar Nurgaliey, *Three*, do uzebeque Pak Ruslan, *Gaia*, do sul-africano Jaco Bouwer, ou *The Night*, do iraniano Kourosh Ahari. Refira-se ainda *Mad God*, animação de Phil Tippett, responsável pelos efeitos especiais de *Star Wars*, *Robocop*, entre outros. Para não falar de “*Willy's Wonderland*”, de Kevin Lewis, com a interpretação de Nicolas Cage, ou o filme experimental *After Blue* do francês Bertrand Mandico. Num programa dedicado à desconstrução dos estereótipos de género passa *Office Killer*, de Cindy Sherman. E em competição, longas de sete países, incluindo *Um fio de Babu Escarlata*, do português Calos Conceição. Há ainda espaço para vários debates sobre questões ligadas ao cinema de género em Portugal e no mundo. ■

Estreias de teatro

Hora de Visita, de Pedro Goulão, peça vencedora do Prémio Miguel Rovisco para novos Textos Teatrais, na segunda edição, sobe à cena, a 9, com encenação de João Reis, na Sala Estúdio do Teatro da Trindade. Os atores Pedro Lacerda e Mafalda Lencastre protagonizam o encontro entre um artista famoso, um pai ausente, e a sua filha, uma comediante que usa o humor para superar o trauma dessa separação. Pedro Goulão estará presente no lançamento, após a estreia, da edição em livro de *Hora de Visita*, que vai estar em palco até 24 de outubro. Na sala Carmem Dolores do Trindade, entretanto, prossegue a carreira do musical Chicago, com encenação de Diogo Infante, que já teve duas centenas de representações, mais de 65 mil espectadores. Iniciou uma nova temporada a 1, com novas protagonistas, Inês Herédia e Vanessa Silva. A Dois apresenta, por outro lado, *A Cantora Careca*, de Eugène Ionesco, até 18, no auditório da Boutique da Cultura, em Carmide. A encenação é de Ivo Alexandre que também interpreta, com Anabela Faustino, ambos partilham a direção da companhia, e Diana Lara, Diogo Esteves e João Reixa, entre outros. ■

VER

Múltiplo Leminski Lisboa

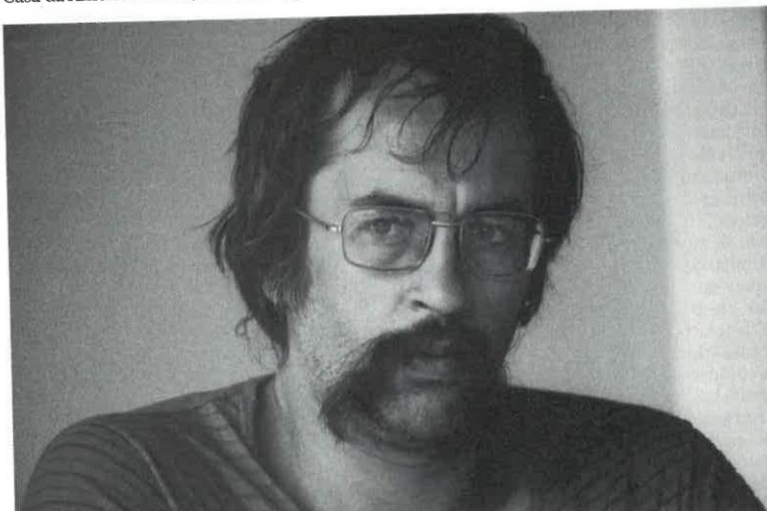
Como expor palavras, como expor uma voz

Poeta, letrista, tradutor, romancista, publicitário, cinturão negro de judo... Eis o brasileiro Paulo Leminski, para visitar na zona de Belém

O título da exposição, *Múltiplo Leminski*, evoca, no imaginário literário português, o "poeta múltiplo" Fernando Pessoa. Mas, no caso deste brasileiro nascido em 1944, em Curitiba (a mesma cidade onde morreria aos 44 anos), a multiplicidade é de outra ordem. Não se trata de ter dentro de si uma multidão e de lhe dar voz, é mesmo uma multiplicidade de caminhos, ações, interesses e registos. Mas numa coisa Pessoa e Leminski podem ser aproximados: eram mestres de frases curtas, sínteses únicas, muitas vezes com jogos de palavras, que os levaram mesmo a trabalhar em publicidade. O prazer na prática lúdica de tratar a Língua Portuguesa como um brinquedo de luxo é óbvio nos dois.

Leminski – de origem polaca da parte do pai, e indígena e portuguesa do lado materno – chegou a ingressar, aos 14 anos, num mosteiro, em São Paulo. Mas num dos vários papéis soltos agora expostos na Casa da América Latina, em Lisboa, pode

ler-se esta frase datilografada: "Tenho uma religião chamada Bob Dylan". Ao descobrir a poesia contemporânea (especificamente os concretistas), as vanguardas e a contracultura dos anos 50-60, a sua vida mudou. Passaria oito anos a escrever um excêntrico romance experimental (*Catatau*) que é hoje estudado nas universidades. Explorou ao máximo o modelo dos *haikus* (breves poemas de três versos) e apaixonou-se pela cultura nipónica (ao ponto de se ter tornado cinturão negro de judo), escreveu canções (*Verdura* de Caetano Veloso tem letra sua) e chegou a pegar num violão. Escreveu, ainda, para crianças e assinou biografias, num estilo muito particular, de Jesus Cristo, Matsuo Bashô, Trótski e do poeta negro brasileiro do século XIX, João da Cruz e Sousa. É este artista múltiplo, absolutamente contemporâneo, que se fica a conhecer melhor, por estes dias, em Lisboa. O complemento ideal para esta exposição é a antologia *Toda Poesia*, editada em 2020 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. **||| Pedro Dias de Almeida**



DICO KREMER

20 Anos para a Frente, 20 Anos para Trás Lisboa

O título da exposição ajuda-nos a fazer as contas: são (mais de) 40 anos de trabalho. Não sendo uma retrospectiva no sentido mais rigoroso da expressão, *20 Anos para a Frente, 20 Anos para Trás* acaba por ter essa dimensão ao mostrar cerca de 130 obras em papel, de várias épocas, de Sofia Areal. Oportunidade excelente para se apreciar a evolução da sua obsessão plástica com círculos, mais ou menos perfeitos, e cores fortes. A seleção dos desenhos, agora presentes na Fundação Carmona e Costa, foi feita pelo filho, o também artista Martim Brion – coautor, ao lado de José Luís Porfírio, Jorge Silva Melo e Ricardo Escarduça, de um livro sobre a obra de Sofia Areal, lançado a propósito da exposição. **||| P.D.A.**

Fundação Carmona e Costa - R. Soeiro Pereira Gomes 1, Lisboa > T. 21 780 3003 > 17 set-18 dez, qua-sáb 15h-20h > grátis

“Múltiplo Leminski”. Exposição sobre vida e obra do poeta brasileiro na Casa da América Latina”

Link: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/multiplo-leminski-exposicao-sobre-vida-e-obra-do-poeta-brasileiro-na-casa-da-america-latina_v1348626



The screenshot shows the website interface for 'Ensaio Geral'. At the top, there is a blue navigation bar with the 'Renascença' logo, a 'NO AR' button, and menu items: 'ÚLTIMAS', 'VÍDEOS V+', 'OUVIR', 'AS TRÊS DA MANHÃ', 'TURNOS DA TARDE', 'BOLA BRANCA', and 'OPINIÃO'. Below the navigation bar, the 'Ensaio Geral' section is visible, including a description: 'Magazine dedicado às artes e à cultura com a jornalista Maria João Costa. Sexta às 23h30'. There are social media icons for Facebook, Twitter, Email, and YouTube, along with a font size selector 'A+ / A-'. An 'ARQUIVO' dropdown menu is set to 'Escolha o mês'. The main article features a photograph of a person sitting on a red bench reading a book. The article title is 'As férias acabaram, há livros nas feiras, leituras e palavras à solta na rua'. The byline reads '11 set, 2021 • Maria João Costa, José Luís Moreira (sonorização)'. The article text begins with 'Livros para todos os gostos. É o que temos hoje em destaque no Ensaio Geral numa altura em que ainda decorrem as feiras do Livro de Lisboa e Porto. Dos clássicos a preços acessíveis, ao mais recente livro do escritor português Sandro William Junqueira, há muito por onde escolher no programa de hoje em que olhamos o Abecedário - o Festival da Palavra, e o Festival de música MIL e lhe trazemos as sugestões de Guilherme d'Oliveira Martins e notícia de uma exposição que abre hoje na Casa da América Latina e que tem sotaque brasileiro.'

Exposição em Lisboa vai mostrar vida e obra do poeta Paulo Leminsky

21/08/2021



A vida e obra de Paulo Leminsky (1944-1984), figura multifacetada da cultura brasileira, estão em exposição 'Múltiplo Leminski' que é inaugurada a 9 de setembro, na Casa da América L

"A exposição reúne excertos pessoais do autor, que resultam de um trabalho de recolha de Paulo Leminsky, de sua esposa Áurea e Estela Leminski, e a viúva Alice Ruiz", segundo comunicado da CAL.

A montagem da exposição na Casa das Galeotas, sede da CAL, no bairro lisboeta de Belém, é acompanhada pela sua filha Aurea Leminski.

Na exposição, "podem ser vistos exemplares do seu vasto repertório como letrista e compositor, recortes específicos do jornalista, publicitário e crítico, originais manuscritos e datilografados, vídeos, entrevistas, cartas e documentos pessoais selecionados do acervo da família, além de vídeos com o autor".

A exposição estará patente na CAL, em Lisboa, de 9 de setembro a 03 de novembro.

Fonte: Notícias ao Minuto

exposição Múltiplo Leminski Paulo Leminski

Exposição Múltiplo Leminski atravessa o Atlântico *



A curadora da mostra Aurea Leminski no interior da mostra Múltiplo Leminski, na Casa da América Latina, em Portugal. Créditos: divulgação

Exposição sobre vida e arte do poeta curitibano está em cartaz na Casa da América Latina em Lisboa

A exposição sobre a vida do escritor e poeta paranaense Paulo Leminski atravessou o oceano e foi para Lisboa, primeira cidade a receber o projeto no exterior. Aberta no dia 10 de setembro na Casa da América Latina, a montagem de Lisboa tem uma proposta de focar mais no conteúdo e na forma e menos de recriar as ambientações como nas edições no Brasil.

A mostra em Portugal conta com vitrines expositivas com documentos originais, datilografados e manuscritos, conteúdos de áudio e de vídeo que fazem parte do acervo do artista. A exposição, que já é sucesso de público e crítica com várias aparições na imprensa local, fica em cartaz até dia 03 de novembro.

A exposição Múltiplo Leminski também está exposta em Ponta Grossa no Museu dos Campos Gerais, com o acervo original, até o dia 5 de dezembro.

Sobre Múltiplo Leminski

Após o sucesso em Curitiba em 2012, no Museu do Olho (MON), o projeto passou a circular pelo Brasil. A primeira parceria foi com a Itaipu Binacional, que abrigou a exposição no Ecomuseu, em Foz do Iguaçu, em 2013.

A seguir, Múltiplo Leminski foi contemplada no Programa Petrobras Cultural ao Centro-Oeste, abrindo no Centro Cultural Oscar Niemeyer, de Goiânia. E ao Nordeste, na Torre Malakoff, em Recife.

Em 2014, foi a vez de Salvador, pela Caixa Cultural, que também levou a exposição para São Paulo, Fortaleza e Rio de Janeiro, entre 2015 e 2016.

Em 2017, Múltiplo Leminski esteve em Maringá, no Museu de História e Artes Hélenon Borba Côrtes. E em 2019, em Londrina, no Museu Histórico de Londrina. Ambas as cidades receberam o projeto por edital do Profice, da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná.

Após dois anos, a temporada 2021 foi aberta em agosto na região dos Campos Gerais. A décima primeira montagem do projeto é realizada com o apoio do Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura (PROFICE) – Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura – Governo do Estado do Paraná, da Copel, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, da Associação de Museus dos Campos Gerais, da Secretaria de Turismo de Ponta Grossa.

INÍCIO / CULTURA

Seguir

Siga o tópico Cultura e receba um alerta assim que um novo artigo é publicado.

Agência Lusa
Texto

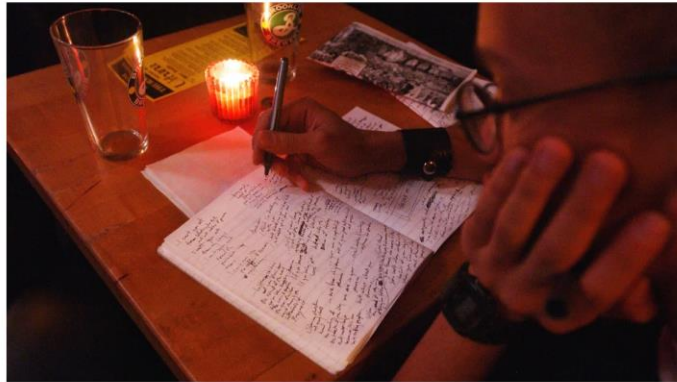
20 ago 2021, 23:50



A exposição estará patente na CAL, em Lisboa, de 9 de setembro a 3 de novembro
Getty Images

Exposição em Lisboa vai mostrar vida e obra do poeta brasileiro Paulo Leminsky

A exposição "Múltiplo Leminski" mostra a vida e obra do poeta brasileiro Paulo Leminsky, reunindo "excertos pessoais do autor que resultam de um trabalho de recolha da família".



A vida e obra de Paulo Leminsky (1944-1984), **figura multifacetada da cultura brasileira**, são o mote da exposição "Múltiplo Leminski" que é inaugurada a 09 de setembro, na Casa da América Latina (CAL), em Lisboa, foi divulgado esta sexta-feira.

PUB

PUB • CONTINUE A LER A SEGUIR

Instale a App do Observador

A nossa aplicação está disponível gratuitamente para iPhone, iPad, Apple Watch e Android.

Instalar

miMed
Clínica miMed Benfica

"Ter uma clínica à porta, faz bem ao bairro."

- Colaboradores Farmácia Marques
#eusomiMed

24 horas ligado ao futuro?

Saber mais

OBSERVADOR.LAB

"A exposição reúne excertos pessoais do autor, que resultam de um **trabalho de recolha da família, as filhas Áurea e Estela Leminski, e a viúva Alice Ruiz**", segundo comunicado da CAL.

A montagem da exposição na Casa das Galeotas, sede da CAL, no bairro lisboeta de Belém, é acompanhada pela sua filha Aurea Leminski.

Na exposição, "podem ser vistos exemplares do seu vasto repertório como letrista e compositor, recortes específicos do jornalista, publicitário e crítico, originais manuscritos e datilografados, vídeos, entrevistas, cartas e documentos pessoais selecionados do acervo da família, além de vídeos com o autor".

The screenshot shows the homepage of 'El Diario de Latinoamérica'. At the top, there is a navigation bar with the site's logo and name, a search bar, and a row of flags representing various Latin American countries. Below this is a secondary navigation bar with categories like 'TE INTERESA', 'TURISMO', 'DE INTERÉS', and 'SALUD'. The main content area features a news article titled '«Múltiplo Leminski». Exposição sobre vida e obra do poeta brasileiro na Casa da América Latina'. The article includes a sub-header, a date (14 de septiembre de 2021), and social media sharing icons. A large image shows two people in a gallery setting, with a caption from 'Jornal Farda' indicating the exhibition is about Paulo Leminski. To the right of the article, there are sections for 'ENTRADAS RECIENTES' (Recent Entries) and 'COMENTARIOS RECIENTES' (Recent Comments), each listing several news items with brief descriptions.

RTP2, Programa “Nada será como Dante”- 12 outubro 2021

Nada Será Como Dante

Min. 21:30

<https://www.rtp.pt/play/p8322/e572842/nada-sera-como-dante>

Múltiplos Leminskis

NA HORA DE COMER O TREINADOR
Patrícia Portela



Nem sempre temos a oportunidade de deambular pelo pensamento de alguém que aprendeu a aprender para nunca mais deixar de saber sempre mais.

Nem sempre temos a oportunidade de saber mais caminhando ao lado de sábios atentos, sedentos, e de, com eles, darmos os primeiros passos pela arte do bem pensar.

Nem sempre temos a oportunidade de fazer: o amor, a arte, o trabalho, o dever, os dias. Passamos pelas horas a cumprir - horários e promessas - sempre em atraso, mais em dívida do que em boa companhia, mais em velocidade do que com ponderada ação. Agimos sem tempo, concluímos sem raciocínio, dizemos sem sentido, orientamo-nos sem bússola, perdemos tantas vezes o coração em nome de (outra) razão.

Talvez por isso vivamos hoje com mais medo. Com mais dúvidas. Com mais pressa. Com menos palavras. Com mais entusiasmo forçado pelo que nos desanima, e menos paixão pelo que nos falta ainda com heceter. Nem sempre somos quase, nem tudo é sempre tão pouco, nem tanto do que se vive preenche tanto como se, de facto fosse muito, e no entanto, afunda-nos, pesa-nos em demasia.

Felizmente, nem sempre o tudo que nos falta conhecer está fora do nosso alcance. Passar pela exposição *Múltiplo Leminski*, na Casa da América Latina em Lisboa, é uma bênção; um rapto consentido ao atalho dos nossos dias para desembaiar os olhos das correntes turvas do que se escreve em vão. Uma viagem pela forma de pensar de um homem que foi poeta, tradutor, publicitário, jornalista, escritor, letrista, compositor, judoca, pai, filho de um polaco e de uma brasileira de origem africana e indígena, seminarista na sua jovem idade adulta, aprendiz toda a vida, provavelmente bom corinheiro (não há notícia, mas faria sentido), apreciador de amigos, linguas e gins.

Um homem que escrevia a biografia de Jesus antes de Cristo (sobre a sua costela de filósofo e poeta), de Baschó, o mestre dos Haikus, ou de Frostky. Um homem que traduziu Petrarca, Joyce, Jarry ou Mishima, entre 156 traduções de 14 línguas diferentes, umas vivas, outras mortas. Um homem que dedicava os seus dias a satisfazer a sua desmedida ambição intelectual e erudita e que amava os universos entre o amarelo e o azul. Um homem muita coisa, e portanto, alguém que sabia encher poucas palavras de muitos sentidos.

Percorrer a exposição *Múltiplo Leminski* é confirmar que somos todos feitos de muitos corpos, muitos saberes, muitas vozes, muitas nosas, muitas de outrem, mas é também perceber e perguntar como é possível nem todos abraçarmos essa multiplicidade como forma de estar e de agir, no espaço e no tempo, na vida e na morte, na saúde e na doença. Com voracidade e lentidão.

Percorrer esta exposição é descobrir a vantagem peculiar dos curto circuitos no cérebro, menosprezando os destinos lineares. É perceber que ser, estar, saber, poder, querer, fazer, ouvir ou caber são afinal os únicos verbos regulares da nossa língua, e que é no tentar e no ser tentado que está o engenho mesmo quando não se prevê (em números) o ganho, o jeito ou a conclusão.

A exposição *Múltiplo Leminski* grita-nos: Não podemos passar um dia sem pensar! Não podemos pensar um dia sem pensar! Como se pode passar um dia sem pensar?

Mais do que permitir o encontro com a sua magnífica obra, mais do que celebrar a sua *Poesia Reunida*, agora também editada em Portugal (pela Imprensa Nacional) e mais do que comemorar e revelar a multiplicidade da sua atividade artística ou revelar aspetos mais privados do seu processo de criação, esta exposição é um convite a percorrer a lógica, as associações de ideias, as circunstâncias e as atitudes de um criador que se vê

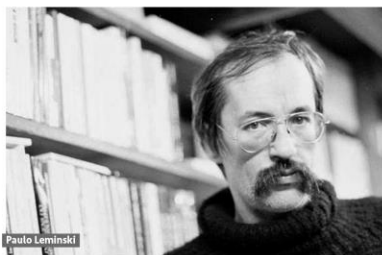
sinónimo de sim na sua relação com o mundo. Percorro a exposição e pergunto-me se ocupo os meus dias como deveria, se os dedico de facto ao livre exercício de criar e de proporcionar espaço de criação, de "pensação", de desarrumação. Dedicar uma vida a pensar é talvez a mais nobre das tarefas. Traduzir o ato de pensar em projetos, em casas, em jardins, em livros, em histórias aos quadradinhos, em ensaios, em aulas, em formas de estar e de viver é talvez a única atividade que nos distingue de sermos

pedras que não voam só porque não têm asas. De sermos pó. De sermos tralha complexa à deriva pelo universo. Se tem um minuto, ou mesmo se não o tiver, pare. Pegue no mapa. Tire a hora de almoço para não comer, ou o fim de tarde para esquecer aquele email que só lhe trará mais chatices no emprego antes de lhe resolver o negócio ou a situação. Desloque-se. Suba as escadas. Leia com carinho o trabalho minucioso das suas filhas Áurea e Estrela Leminski e da sua companheira e poeta Alice Ruiz. Não aprecie apenas o que vê. Procure passear pela mente de quem chegou a aquelas línguas, aquelas influências, aquelas obras, aquelas geografias e qual situacionista francês, coloque o mapa do pensamento de Leminski sobre o seu. Que lugares ainda lhe falta ocupar? Que saberes ainda lhe falta descobrir? Siga as instruções do poeta, como se fosse uma criança e prometa: estar sempre alegre! nunca ficar inativo/ e chorar com força por tudo o que se quer! Depois tenha uma ideia brilhante! Como se olhasse para dentro de um diamante e o seu olho gansasse mil faces num só instante!

Nunca cometa o mesmo erro duas vezes/ cometa duas, três/ quatro, cinco, seis/ até esse erro aprender/ que só o erro tem vez!

Conclua como Leminski: "Haja hoje para tanto ontem!" Saia da exposição sabendo que Inverno é tudo o que sinto, Viver (afinal) é suculento! «.

(A exposição *Múltiplo Leminski* está até dia 3 de novembro, na Casa da América Latina em Lisboa)



Paulo Leminski

DIÁRIO

Gonçalo M. Tavares



O mundo e o olho humano

1 Começar a pensar o mundo a partir da morte do pai; aliás, a partir do nascimento do pai. No caso de Onfray, 1921. *Cosmos - Uma Ontologia materialista*, de Michel Onfray.

2 Quando começa o mundo? Começa quando nasce o pai, a mãe. Antes, o que é o mundo? História, não memória. O que é a História? É o que aconteceu antes do nascimento do meu pai. O que é a memória? É o que aconteceu depois do nascimento do meu pai.

3 Em parte, o que faz a ciência contemporânea? Ilumina alguns caminhos antigos, vira as costas a outros.

A investigação atual por vezes resulta, então, da crença numa hipótese antiga que foi abandonada. Com mais meios técnicos, volta-se ao mesmo caminho.

Nas Edições 70, o livro de Carlo Rovelli, físico teórico italiano, *Anaximandro de Mileto - ou o nascimento do pensamento científico*.

Curioso, neste particular, um capítulo intitulado: "Pensar Anaximandro depois de Einstein e Heisenberg". O que é antigo muda, se o que é contemporâneo não ficar no mesmo lugar.

4 A expressão "ver a olho nu". Expressão que só existia, de forma pura, antes da invenção da lente, qualquer que ela seja. A lente subitamente criou a solidão do olho diante do mundo visível. O olho parte para ver, mas já não parte sozinho.

5 Falar em olho nu, diga-se, é atribuir aos olhos uma nudez que estes nunca tiveram. Os olhos nunca estão nus ou, pelo menos, quase nunca. O resto do corpo sim. O pudor tapa tudo e por vezes só os olhos resistem. E não apenas nas mulheres e em certos países; também nas festas carnavalescas e noutras.

Os olhos tapados, no limite, cegam o seu portador. Não há maior pudor, poderia dizer-se, não há pudor mais terrível do que a cegueira.

Não quero ver, tenho pudor: por isso cego-me.

6 Um olho nu é um olho que vê. Não vê tudo, mas vê o suficiente. O humano pode gritar pelo que vê, e não apenas pelo que imagina...n.

